

A aquisição da Rima em Português Europeu – ditongos e consoantes em final de sílaba

Susana Correia

Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa
Escola Superior de Saúde de Faro – Universidade do Algarve

0. Introdução

Neste trabalho, serão abordados dois aspectos da aquisição da Rima em Português Europeu¹: a aquisição das consoantes em final de sílaba (/s/, /l/ e /r/) e o domínio do contraste entre vogal (V) e ditongo (VG).

De acordo com os dados da aquisição apresentados em Fikkert (1994) e em Freitas (1997), o papel silábico das consoantes soantes em final de sílaba deve ser distinto do papel silábico das obstruintes na mesma posição: as obstruintes devem ocupar uma posição na Coda, enquanto as soantes devem ocupar uma posição num Núcleo ramificado. As autoras argumentam que, por um lado, as obstruintes são produzidas e adquiridas mais cedo, enquanto as soantes emergem e estabilizam mais tarde, em simultâneo com a estabilização dos ditongos. Outras propostas, no entanto, mencionam um domínio precoce do contraste V-VG, favorecendo a ideia de que a aquisição de Núcleos ramificados precede a aquisição de Rimas ramificadas (Kehoe & Stoel-Gammon, 2001, para o Inglês, e Bonilha, 2000, Matzenauer & Bonilha, 2003, para o Português do Brasil²).

Com base nos dados apresentados para o PE e para outras línguas, neste estudo testam-se, a partir de dados do PE recolhidos experimentalmente, as hipóteses formuladas a partir de dados de recolha espontânea (Freitas, 1997), relativamente:

- A) ao diferente estatuto silábico das consoantes soantes e das consoantes obstruintes em final de sílaba,
- B) à relação existente entre a aquisição das consoantes soantes em final de sílaba e do contraste entre V e VG.

¹ PE, de agora em diante.

² PB, de agora em diante.

1. O sistema-alvo – algumas observações sobre a Rima do PE

O PE é uma língua que apresenta muitas restrições às consoantes que podem aparecer em final de sílaba, sendo apenas possível que /s/, /l/ e /r/ ocupem essa posição. De acordo com Mateus & d'Andrade (2000), as três consoantes devem ocupar a posição de Coda, não se verificando, por isso, qualquer assimetria entre as três consoantes na estrutura da Rima.

No entanto, diferenças fonotáticas e distribucionais, bem como alguns fenómenos fonéticos dão conta da possibilidade de obstruintes e soantes desempenharem papéis silábicos distintos na estrutura da Rima do PE. Listam-se, em seguida, essas diferenças:

a) Depois de um ditongo (oral ou nasal), apenas a consoante obstruinte é admitida:

(1) pais	[ˈpaɪ̯ʃ]
(2) Fausto	[ˈfawʃtu]
(3) pães	[ˈpɛ̃ʃ]

b) Depois de uma Núcleo nasal, apenas a consoante obstruinte é permitida:

(4) transplante	[trɛ̃ʃ.ˈplɛ̃ti]
(5) mães	[ˈmɛ̃ʃ]

c) Dependendo da consoante em final de palavra, a formação do plural implica diferentes processos:

i) depois de /r/ e /s/, a vogal [i] é inserida:

(6) mar	[ˈmar]	mares	[ˈmariʃ]
(7) rapaz	[ɾɐˈpaʃ]	rapazes	[ɾɐˈpaziʃ]

ii) /l/ sofre um processo de semivocalização:³

(8) papel	[pɐˈpɛɫ]	papéis	[pɐˈpɛɪʃ]
-----------	----------	--------	-----------

d) /l/ bloqueia o processo de redução vocálica em posição átona, ao contrário do que acontece com /r/ e /s/. O mesmo acontece com alguns ditongos.

(9) sal	[ˈsaɫ]	salgado	[saɫˈgadu]
(10) caixa	[ˈkaɪ̯ʃɐ]	caixinha	[kaɪ̯ˈʃɪnɐ]
(11) barco	[ˈbarku]	barquinho	[bɐrˈkiɲu]
(12) máscara	[ˈmaʃkɛrɐ]	mascarado	[mɐʃkɛˈradu]

³ Em PB, este processo generaliza-se para a consoante /l/ em final de sílaba: *Brasil* /brazil/ -> [braˈziw], calças 'trousers' /kalsas/ -> [kawˈsas].

Em relação à estrutura da Rima, deve ainda acrescentar-se que a nasalidade é representada por um autossegmento flutuante (Mateus & d'Andrade, 2000) e é sempre realizada no Núcleo. Não sendo realizada no Núcleo, mas sim na Coda, ter-se-ia que determinar uma Coda ramificada em palavras como as de (13), e uma Rima com quatro posições em palavras como as de (14):

- (13) monstro ['mõʃtru]
 (14) limões [li'mõʃʃ]

Em casos como o de (14), a consoante /s/ não deve ser considerada extrassilábica, uma vez que pode aparecer em final de palavra, como em (14), mas também no meio de palavra, como em (15):

- (15) cáustico ['kawʃtiku]

O PE admite, portanto, Rimas triposicionais.

2. Método

Este estudo baseia-se numa recolha de dados longitudinal-transversal, com 6 crianças portuguesas monolíngues, de idades compreendidas entre os 2;10 e os 4;6 (Correia, 2004). Estas crianças foram observadas mensalmente por um período de 13 meses e o seu comportamento linguístico foi provocado a partir de um desenho experimental, com o qual tinham contacto visual. O desenho experimental foi construído para testar estruturas lexicais do alvo, consistindo num *corpus* de 57 palavras contendo líquidas (/r/ e /l/) e obstruintes (/s/), em posição final de sílaba, em posição final e interna à palavra, em contexto acentual tónico e em contexto acentual átono. No paradigma das consoantes obstruintes, algumas palavras-alvo continham ditongos orais ou nasais. A base de dados (em formato *Access*) continha 3654 registos.

3. Apresentação e discussão dos dados

3.1. Ditongos

Os dados experimentais demonstram que as crianças adquirem distintamente:

- i) ditongos orais ou nasais tónicos dentro de Rima ramificada e ditongos nasais tónicos – $\acute{V}G$, $\acute{V}GC_{fne}$, $\acute{V}GC_{fnc}$ (ex.: cão ['kẽw̃], dois ['dojʃ] e cães ['kẽjʃ]);
- ii) ditongos orais – $\acute{V}G$ e VG (dinossauro [dinõ'sawru] e bailarina [bajlẽ'rinẽ]).

Na Figura 1 apresenta-se o gráfico relativo aos valores de produção dos ditongos, de acordo com o alvo⁴:

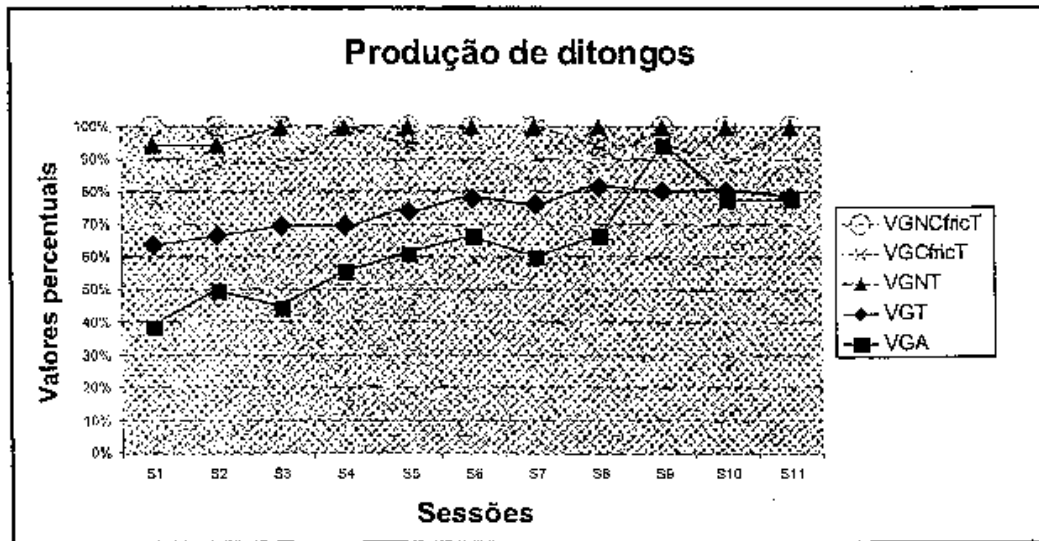


Figura 1: Produção de ditongos – ditongos tónicos nasais seguidos de fricativa (VGNC_{fric}T), ditongos tónicos orais seguidos de fricativa (VGC_{fric}T), ditongos nasais tónicos (VGNT), ditongos

Pela Figura 1, é-nos dado a observar que o primeiro grupo de ditongos (VGNC_{fric}T, VGC_{fric}T, VGNT) é dominado pelas crianças desde o início. Contudo, o segundo grupo (VGT e VGA) manifestou um comportamento instável.

Uma Rima mais saliente (com um Núcleo biposicional nasal ou com uma Rima triposicional oral ou nasal) estabiliza cedo, ao contrário do que sucede com uma Rima biposicional simples (com Núcleo ramificado oral).

Quanto aos ditongos, a ordem de aquisição é a que a seguir se apresenta:

Estádio I – $\acute{V}G_{fric}$, $\acute{V}G_{fric}$ e $\acute{V}G$

Estádio II – $\acute{V}G$ e VG .

Mostram-se, em seguida, alguns exemplos ilustrativos da produção de Rimas mais salientes e da não produção de Rimas menos salientes:

(17) Eva (2;11.24)

a. Sequências $\acute{V}G$, VGC_{fric} e $\acute{V}G_{fric}$:

<i>mãos</i>	/mẽw̃/	[mẽw̃]
<i>chapéus</i>	/ʃe'pew̃/	[ʃi'pew̃]
<i>limão</i>	/li'mẽw̃/	[li'bẽw̃]

⁴ Dada a natureza não específica do programa de construção de gráficos, o til '~' e o acento de palavra '' não poderão aparecer, sendo utilizada a consoante 'N' para representar a nasalidade e as consoantes 'T' ou 'A' para representar, respectivamente, o carácter tónico ou átono das sílabas.

b. Sequências VG:

<i>leite</i>	/ˈlɛjtɨ/	[ˈlɛt]
<i>peixinho</i>	/pejˈʃiɲu/	[peˈʃiɲu]

(18) Bárbara (3;4.2)

a. Sequências VĠ, VĠC_{fric} e VĠC_{fric}:

<i>limões</i>	/liˈmõɲʃ/	[liˈmẽw̃ʃ]
<i>caracóis</i>	/kɐɾɐˈkojʃ/	[kɐɾɐˈkojʃ]
<i>cão</i>	/ˈkẽw̃/	[ˈkẽw̃]

b. Sequências VG:

<i>dinossauro</i>	/dinoˈsawru/	[dinoˈʃaruʃ]
<i>peixinho</i>	/pejˈʃiɲu/	[peˈʃiɲu]

Quando ainda não produzem alvos VG, o erro mais frequentemente realizado pelas crianças é VG -> V e, por essa altura, as consoantes soantes em final de sílaba (excluindo a vibrante em final de palavra) ainda não são produzidas, tal como se apresenta na secção que se segue.

3.2. Consoantes em final de sílaba

Os dados recolhidos demonstram que as crianças portuguesas produzem e dominam primeiro a consoante obstruinte em final de sílaba. Por seu turno, as consoantes soantes, na mesma posição, não estão adquiridas até tarde no período de aquisição⁵.

A Figura 2 procura ilustrar essa tendência:

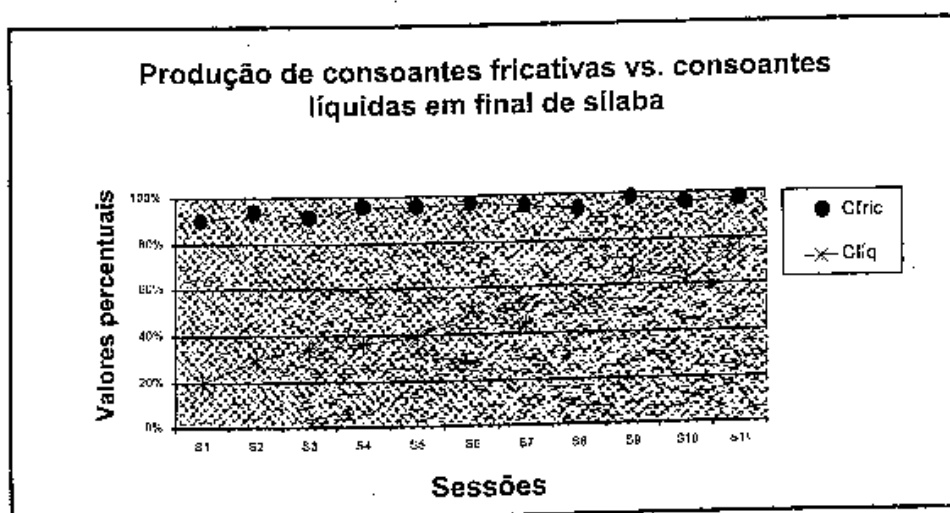


Figura 2: Produção de consoantes obstruintes (*Cfric*) e de consoantes soantes (*Cliq*) em final de sílaba.

⁵ Note-se que as consoantes soantes em Ataque já estão adquiridas e estáveis, no sistema das crianças (para mais informações sobre este tópico, cf. Correia, 2004).

(19) Eva (2;11.24)

a. /s/ em final de sílaba

<i>calças</i>	/ˈkafɕɐʃ/	[ˈkafɕɐʃ]
<i>mascara</i>	/ˈmafɕərə/	[ˈmafɕərə]
<i>castanho</i>	/kɐʃˈtɐnu/	[kɐʃˈtɐnu]

b. /l/ e /r/ em final de sílaba

<i>anel</i>	/ɐˈnɛʃ/	[ɐˈnɛ]
<i>calças</i>	/ˈkafɕɐʃ/	[ˈkafɕɐʃ]
<i>porco</i>	/ˈporku/	[ˈpoku]
<i>tambor</i>	/tẽˈbor/	[tẽˈbor]

(20) Fábio (3;6.23)

a. /s/ em final de sílaba

<i>dez</i>	/ˈdɛʃ/	[ˈdɛʃ]
<i>pés</i>	/ˈpɛʃ/	[ˈpɛʃ]

b. /l/ e /r/ em final de sílaba

<i>balde</i>	/ˈbaldɪ/	[ˈbawd]
<i>sol</i>	/ˈsɔʃ/	[ˈsɔli]
<i>porta</i>	/ˈpɔrtɐ/	[ˈpɔtɐ]
<i>verde</i>	/ˈverdi/	[ˈvedi]
<i>flor</i>	/ˈflɔʃ/	[ˈflɔʃ]

Esta assimetria indica que as crianças interpretam as consoantes /s/, /l/ e /r/ em final de sílaba como pertencendo a diferentes constituintes silábicos. As crianças portuguesas revelaram um domínio precoce da consoante obstruinte em final de sílaba, tanto em posição interna como em posição final, desempenhando, aquela, papel morfológico ou não. As consoantes soantes /l/ e /r/, pelo contrário, foram produzidas e adquiridas tarde pelas crianças portuguesas, sobretudo em posição medial⁶.

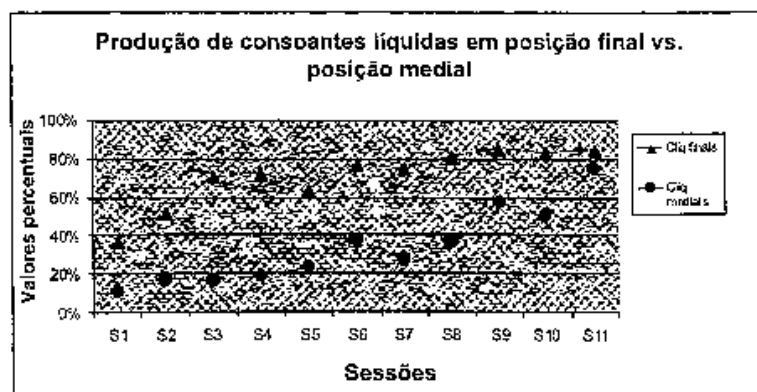


Figura 3: Produção de consoantes líquidas em final de sílaba, em posição interna (*Cliq mediais*) e em posição final (*Cliq finais*).

⁶ A consoante vibrante, em particular, revela um comportamento diferente, em posição final e em posição medial de palavra. Sobre este tópico, cf. Correia, 2004.

Os exemplos apresentados a seguir mostram a assimetria existente na produção das consoantes líquidas em posição final e em posição medial de palavra. Na mesma altura, as crianças já conseguem produzir essas consoantes em final de palavra, apesar de ainda não o fazerem em posição interna:

(21) Bárbara (3;4.2)

a. Erros na produção de líquidas em posição interna

<i>balde</i>	/ˈbaɫdi/	[ˈbadi]
<i>porco</i>	/ˈporku/	[ˈpoku]

b. Produção de consoantes líquidas em posição final de palavra

<i>açúcar</i>	/ɐˈsukar/	[ɐˈsukɐr]
<i>mar</i>	/ˈmar/	[ˈmar]

(22) Rafael (3;5.24)

a. Erros na produção de líquidas em posição interna

<i>balde</i>	/ˈbaɫdi/	[ˈbawd]
<i>vermelho</i>	/virˈmɛɫu/	[vɐˈmɛju]
<i>borboleta</i>	/burbuˈletɐ/	[bubuˈletɐ]

b. Produção de consoantes líquidas em posição final de palavra

<i>caracol</i>	/kɐrɐˈkɔɫ/	[kɐrɐˈkɔɫ]
<i>açúcar</i>	/ɐˈsukar/	[ɐˈsukar]

Assim, de acordo com os dados apresentados, a ordem de aquisição das consoantes em final de sílaba em PE é a seguinte:

Estádio I – Consoante obstruinte (fricativa)

Estádio II – Consoantes soantes (lateral e vibrante)

– líquidas finais

– líquidas mediais

As estratégias mais frequentes usadas pelas crianças aquando da não produção de líquidas-alvo em final de sílaba são:

- para /l/ em final de palavra: v/l/ → VG (semivocalização) e v/l/ → v./l/V (epêntese);
- para /l/ em posição interna: v/l/ → v∅ (apagamento) e v/l/ → VG (semivocalização);
- para /r/ em final de palavra: v/r/ → v./r/V (epêntese);
- para /r/ em posição interna: v/r/ → v∅ (apagamento).

Na secção seguinte, confrontar-se-ão os resultados relativos às consoantes em final de sílaba e aos ditongos, de modo a comparar os momentos de aquisição de cada uma das classes de segmentos.

3.3. Consoantes e ditongos – discussão

De acordo com os dados, há uma assimetria na aquisição de consoantes obstruintes e de consoantes soantes. As primeiras são adquiridas precocemente, enquanto as últimas ainda não são produzidas estavelmente pelas crianças. Há, também, uma simultaneidade em relação ao momento em que consoantes soantes e os ditongos orais são adquiridos.

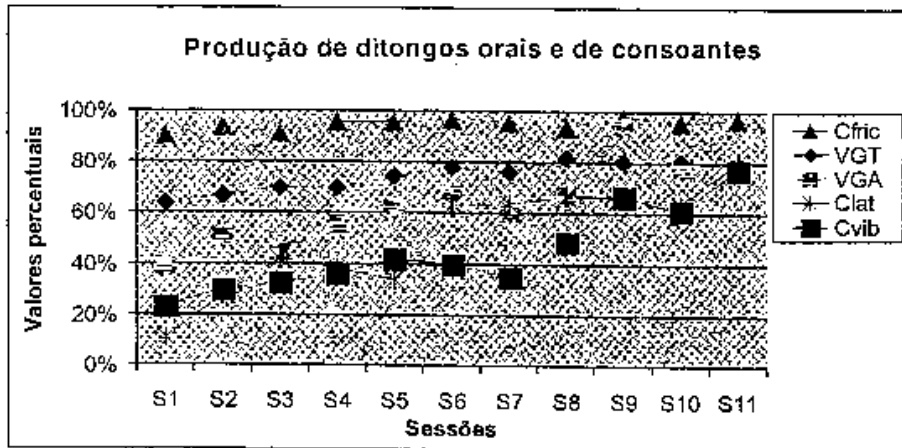


Figura 6: Produção de ditongos orais tónico e de ditongos orais átonos (VGT e VGA, respectivamente) e de consoantes em final de sílaba (fricativa – *Cfric*, lateral – *Clat* e vibrante – *Cvib*).

Esta simetria pode indicar que os ditongos e as consoantes soantes em final de sílaba concorrem para a mesma posição no Núcleo. Apesar de as crianças serem capazes de produzir ditongos nasais (seguidos ou não pela consoante fricativa), num determinado Estádio, ainda não são capazes de produzir estavelmente ditongos orais nem consoantes soantes. De facto, o domínio do contraste V-VG dá-se, aproximadamente, na mesma altura em que se dá a aquisição das consoantes soantes em final de sílaba.

Podemos, assim, observar dois estádios da aquisição da Rima: um primeiro, onde é adquirida uma estrutura mais saliente da Rima (Rima ramificada), em que é produzida a obstruinte em final de sílaba, e um segundo, com uma Rima menos saliente, em que se dá a estabilização do contraste V-VG e a aquisição das consoantes soantes em final de sílaba.

Os exemplos que se seguem, relativos às produções da Marta, demonstram os estádios percorridos pelas crianças observadas, no decorrer das recolhas.

Depois do primeiro estádio, as crianças portuguesas dominam Rimas ramificadas e produzem consoantes fricativas em final de sílaba, mas ainda não dominam Núcleos ramificados:

(23) Marta			
<i>noite</i>	/ˈnojti/	[ˈnoti]	(S1, 2;10.23)
<i>balde</i>	/ˈbaɫdi/	[ˈbaɫu]	(S1, 2;10.23)
<i>carne</i>	/ˈkarni/	[ˈkan]	(S1, 2;10.23)
<i>girafas</i>	/ʒiˈrafɐʃ/	[iˈafɐʃ]	(S1, 2;10.23)
<i>castelo</i>	/kɐʃˈtɛlu/	[kɐʃˈtɛlu]	(S1, 2;10.23)

Depois deste estágio, os ditongos nasais têm já uma produção estável, apesar de o mesmo não acontecer, nem com os ditongos orais em rima não ramificada, nem com as consoantes soantes. Nesta fase, frequentemente, as crianças substituem a lateral por uma glide:

(24) Marta			
<i>flauta</i>	/ˈflawtɐ/	[ˈfawtɐ]/[ˈfatɐ]	(S5, 3;3.21)
<i>bailarina</i>	/bajlɐˈrinɐ/	[balɐˈrinɐ]	(S5, 3;3.21)
<i>sol</i>	/ˈsɔɫ/	[ˈsɔw]	(S5, 3;3.21)
<i>barco</i>	/ˈbarku/	[ˈbaku]	(S5, 3;3.21)
<i>balde</i>	/ˈbaɫdi/	[ˈbawdu]/[ˈbaɫd]	(S8, 3;8.9)
<i>tartatuga</i>	/tɛtɐˈrugɐ/	[tɛtɐˈrugɐ]	(S8, 3;8.9)

Finalmente, num terceiro Estádio, as crianças produzem ditongos e orais consoantes soantes em final de sílaba, i.e., dominam Núcleos ramificados, em Rimas ramificadas ou não ramificadas.

(25) Marta			
<i>leite</i>	/ˈlɛjti/	[ˈlɛjt]	(S11, 3;12.28)
<i>peixinho</i>	/pɛjˈʃiɲu/	[pɛjˈʃiɲu]	(S11, 2;12.28)
<i>calças</i>	/ˈkaɫsɐʃ/	[ˈkaɫsɐʃ]	(S11, 3;12.28)
<i>anel</i>	/ɐˈnɛɫ/	[ɐˈnɛɫ]	(S11, 3;12.28)
<i>verde</i>	/ˈverdi/	[ˈverdi]	(S11, 3;12.28)
<i>martelo</i>	/mɛrˈtɛlu/	[mɛrˈtɛlu]	(S11, 3;12.28)

Sobre as diferenças observadas em relação à produção dos ditongos orais e nasais, devem referir-se algumas especificidades de cada um deles, no próprio alvo. Por um lado, os ditongos nasais são muito produtivos no Português, ainda que, em posição interna e em contexto pré-tónico eles surjam raramente (apenas em estruturas derivacionais, tais como *cães* [ˈkɛ̃j] / *cãezinhos* [kɛ̃zizɲu]). Por outro lado, de um modo geral, estas estruturas aparecem em final de palavra e são portadoras de acento. Apesar de o PE não ser tradicionalmente considerada uma língua sensível à quantidade e ao peso, Rimas deste tipo são habitualmente consideradas pesadas ou super-pesadas em línguas com essas características. Acreditamos, portanto, que a elevada frequência de ditongos nasais, aliado ao facto de os ditongos nasais, muitas vezes presentes em posição final, serem portadores do acento de palavra, contribui para uma produção e estabilização mais precoce destas estruturas na Rima.

Acredita-se, também, que o grau de saliência da Rima pode ter um papel acelerador na aquisição dos segmentos na estrutura da Rima. Por esta razão, ditongos seguidos da fricativa ou os ditongos nasais são adquiridos mais cedo⁷.

Relativamente à proposta de integração das consoantes soantes num Núcleo ramificado, podem acrescentar-se outros argumentos, a partir da descrição do sistema-alvo que apresentámos na secção 1. e que recuperamos agora:

- a) Depois de um ditongo (oral ou nasal), apenas a consoante obstruinte é admitida;
- b) Depois de uma Núcleo nasal, apenas a consoante obstruinte é permitida;

As alíneas a) e b) indicam que uma consoante soante nunca co-ocorre com uma glide depois de um ditongo, o que pode dever-se ao facto de ambas ocuparem a mesma posição na estrutura silábica, ou seja, uma posição num Núcleo ramificado. Em complementaridade, sendo a nasalidade representada pelo autossegmento nasal que se projecta no Núcleo e não na Rima, as consoantes soantes não concorrem com as glides dos ditongos nasais uma vez que não podem ser nasalizadas pelo autossegmento flutuante. Por esse motivo, a aquisição dos ditongos nasais dá-se mais cedo. A consoante obstruinte, ocupando uma posição na Coda, não interfere, nem com a posição ocupada pelas glides dos ditongos, nem com a nasalidade que se projecta no Núcleo.

Deve assinalar-se, ainda, a coincidência que resulta do processo apresentado em c) ii) e que constitui o processo de semivocalização, aquando da formação do plural em palavra terminadas pela lateral (hospital [ospɨ'tat]- hospitais [ospɨ'tajʃ]). A este respeito pode, ainda, acrescentar-se a existência de bloqueio ao processo de redução vocálica, em posição átona, motivado pela presença de // em final de sílaba. Note-se, uma vez mais, que o mesmo acontece com alguns ditongos. Há, portanto, por um lado, uma semelhança de processos ocorrentes entre ditongos e sílabas terminadas por consoante lateral e, por outro, entre a consoante (e a glide desses ditongos) e a vogal que está na mesma sílaba.

4. Conclusões

No seguimento de estudos elaborados com base em dados espontâneos, os nossos resultados, recolhidos experimentalmente, mostram que as crianças portuguesas interpretam as consoantes soantes e obstruintes diferentemente: num primeiro momento, a obstruinte preenche uma posição na Coda e, mais tarde, as consoantes soantes ocupam uma posição num Núcleo ramificado. Antes da emergência das consoantes soantes, alguns ditongos já estão adquiridos, permitindo estruturas de Núcleo ramificado. Estas estruturas ainda não estão completamente estabilizadas até à produção estável de glides orais (em Rima não ramificada) e de consoantes soantes. Somos, portanto, favoráveis aos estádios de desenvolvimento propostos em Fikkert (1994) e Freitas (1997).

⁷ Fikkert & Freitas (1998) afirmam que uma Rima mais saliente favorece uma aquisição mais precoce. O estudo em questão, feito com base em evidência inter-linguística (com dados do Holandês e do Português), pode, na verdade, ser verificada intra-linguisticamente: em PE, como atestam os dados agora recolhidos.

Por fim, confirma-se que um grau de saliência na Rima acelera a aquisição da Rima e dos seus constituintes. Este facto pode, de resto, explicar algumas diferenças existentes entre o PE e o PB.

Referências Bibliográficas

- BONILHA, Giovana (2000) *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da teoria da otimidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pelotas.
- CORREIA, Susana (2004) *Aquisição da Rima no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- CORREIA, Susana (2004) A aquisição de consoantes em final de sílaba no PE. *Actas do XIX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri/APL, pp. 397-408.
- CORREIA, Susana & Maria João Freitas (2005) The asymmetrical status of syllable-final [r] in the acquisition of European Portuguese. Artigo apresentado no *Second Lisbon Meeting on Language Acquisition with Special Reference to Romance Languages*. Junho, 2004.
- FIKKERT, Paula (1994) *On the Acquisition of Prosodic Structure*. Dordrecht: Hill.
- FIKKERT, Paula & Maria João Freitas (1998) Acquisition of Syllable Structure Constraints: evidence from Dutch and Portuguese. *Proceedings of GALA'97 (Generative Approaches to Language Acquisition)*. Edinburgh.
- FREITAS, Maria João (1997) *Aquisição da estrutura silábica do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- KEHOE, Margaret & Carol Stoel-Gammon (2001) Development of syllable structure in English-speaking children with particular reference to rhymes. *Journal of Child Language*. 28. Cambridge, CUP: pp. 393-432.
- MATEUS, Maria Helena & Ernesto d'Andrade (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: OUP.
- MATZENAUER, Carmen Lúcia & Giovana Bonilha (2003). *Aquisição da Fonologia e Teoria da Otimidade*. Pelotas: EDUCAT.